

Discurso de posse no Instituto do Ceará

JUAREZ LEITÃO*

Antelóquio:

Hoje, 8 de março, é o Dia Internacional da Mulher.

E para homenagear a todas as mulheres, erguemos um brinde em seu louvor.

E que o nosso louvor se faça brisa e assovie salmos e cantigas em todos os litorais, pelas serras e rios, pelos vales, campinas e penedias desta pátria amorosa do Siará Grande.

E que o nosso aplauso não traga o sotaque melífluo e enganoso do dominador, mas o abraço companheiro e leal, gesto e palavra, de igualdade e de respeito.

Que a nossa voz, sem o ranço patriarcal, mas suave e sinceramente disposta a mais aprender as ternuras da vida do que ensinar o que não sabemos fazer, convide as mulheres para a parceria do amor e a decifração da verdade, para a justiça social e a paz entre os humanos, para o respeito aos animais e à natureza, para o convívio com a dignidade.

Para as mulheres que ajudaram e ajudam a fazer a trajetória do Instituto do Ceará, Júlia Carneiro Leão Vasconcelos, Alba Valdez, Zélia Sá Viana Camurça, Maria da Conceição Sousa, Valdelice Carneiro Girão, Rejane Vasconcelos de Carvalho Accioly e Clélia Lustosa Costa, o nosso aplauso e o reconhecimento da história.

E, finalmente, para todas as mulheres, no seu dia, o canto humilde dos homens pedindo perdão por todos esses anos de inconsciência.

*Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Também quero oferecer a importância desta noite e o sentido sublime que ela tem para mim a dois velhos companheiros de atividades literárias e amigos queridos de longos anos de lealdade e admiração. Falo pela voz da saudade, aturdida pela surpresa e pelos mistérios do imponderável, de José Maria Barros Pinho e Lustosa da Costa, que recentemente se ausentaram da mesa larga e fraterna do nosso convívio.

Senhor presidente,
Senhores e senhoras membros efetivos do Instituto do Ceará,
Senhores convidados:

Naquela tarde dos anos 1950, os dois meninos, eu e meu irmão José Maria, 7 e 5 anos de idade, nos perdemos nas matas do Barro Vermelho, a pequena fazenda onde nascemos nos carrascais cinzentos do Oeste do Ceará.

Na inconsciência natural da infância e no exercício perverso de caçar passarinhos, baladeiras em punho e afoita ingenuidade, fomos nos afastando cada vez mais da área conhecida e, quando demos fê, cercava-nos a mata densa, o trecho ainda virgem da floresta. Os angicos enormes, os paus d'arco e as aroeiras, assustavam-nos por sua dimensão, os troncos seculares, as cascas ásperas, o choro das resinas, o tapete das folhas mortas, o chiado dos grilos, os arrulhos columbais, os pios dos canários, dos bentivis e dos corruptions... O cenário, enfim, das histórias antigas de meninos perdidos nos bosques sombrios e que, naquela tarde rude, era o nosso território do medo e da aflição. E no meio da agonia e do desespero, meu irmão mais novo me perguntou o que eu certamente não saberia responder:

Por que estamos aqui? Como viemos para este lugar?!!

Nesta semana, como tenho feito desde o dia 05 de fevereiro, data de nossa eleição, visitando mais uma vez este velho prédio, o vetusto Palacete Jeremias Arruda, que abriga o Instituto do Ceará, ao percorrer suas salas, pátios e corredores, vigiado pelo olhar severo dos retratos pendentes das paredes, pela mobília escura, da qual algumas peças pertenceram a ilustres e venerandos personagens de nossa história, de repente me veio a pergunta perplexa da infância numa longínqua tarde dos Inhamuns: **Por que estamos aqui? Como viemos para este lugar?**

Gerardo Mello Mourão denominou de “perigoso privilégio” a tarefa de representar companheiros de homenagem, de conquista ou de ascensão honorífica, pois cada um, em momentos como este, tem sua própria expressão, seu jeito de sentir e suas razões subjetivas.

Mas estamos os três na mesma viagem de sentimento e de irrecusável emoção adentrando nesta noite de março os sagrados umbrais do Instituto do Ceará e certamente nos unem as alegrias da conquista, a gratidão aos que nos elegeram e a consciência da responsabilidade da missão cultural que estamos assumindo.

Como chegamos aqui?

É a indagação em que tento me amparar desde o começo.

Dos três objetivos de estudo desta respeitável instituição, a história é, com assídua e dedicada perseverança, o caminho que temos percorrido.

Lúcio Alcântara opera na garimpagem beneditina de obras clássicas de autores cearenses, que, por omissão ou inapetência, estariam condenadas ao esquecimento eterno, e que, encontradas e recuperadas por ele, são reeditadas pela Fundação Waldemar Alcântara, e, dessa forma, salvas para o conhecimento desta e das futuras gerações.

Lúcio Alcântara, membro efetivo da Academia Cearense de Letras, um escritor que se garante por seu texto escorreito e desinfetado de banalidade, teve muito de seu fazer literário roubado pelas funções políticas que assumiu, como secretário de estado, deputado federal, senador da República e governador, mas nunca perdeu o gosto pelos livros nem pelas coisas da inteligência cearense. Assim, mesmo no meio do tiroteio brutal dos embates cívicos e dos afazeres da administração pública, nunca deixou de escrever uma crônica ou um poema, sazonais que fossem, até para amainar, com esse tipo de acalanto lírico, sua alma cansada de guerra.

Médico e filho de médico, nasceu em Fortaleza, mas suas raízes genealógicas estão fincadas desde o século 18 no espaço fisio-gráfico das bacias dos rios Curu, Cauípe e Ceará, onde surgiram as cidades de Caucaia, Paracuru, Pentecostes e São Gonçalo do Amarante. Descendente dos velhos clãs fundadores dessas antigas comunidades, os Estevão e os Praibas (ou Paraíbas), entre os seus ancestrais figuram

nomes assentados na história política do Ceará, como os de Joaquim da Cunha Freire (o Barão da Ibiapaba) e o de Severiano Ribeiro da Cunha (o Visconde de Cauípe), irmãos de Antônio da Cunha Freire, bisavô de Waldemar Alcântara e, portanto, trisavô de nosso recipiendário companheiro.

O homem que hoje ingressa no Instituto do Ceará é um amigo da cultura, justificado por iniciativas como o “Projeto Luiz Assunção” e o “Caminhão da Cultura”, quando Prefeito de Fortaleza, que levavam a música e o teatro às periferias desta cidade.

Benemérito pela coordenação, quando Senador, da “Coleção Memória Brasileira”, que reeditou obras valiosas da produção histórica, geográfica e antropológica nacional.

Pela publicação de preciosos livros cearenses, alguns em edição de arte especial, e a criação de projetos como “Mestres da Cultura” e “Contadores de Histórias”, desenvolvidos pela Secretária de Cultura Cláudia Leitão durante o seu governo.

Lúcio Alcântara sucederá neste sodalício ao historiador e antropólogo Vinicius Barros Leal, filho de Baturité e médico por formação. Também membro efetivo da Academia Cearense de Letras, o doutor Vinicius foi um dos mais abnegados pesquisadores da cultura cearense, conseguindo compatibilizar sua profissão de pediatra e professor universitário com a de escritor profícuo, militante pertinaz da historiografia regional, com obra numerosa e de importância para o estudo e o conhecimento da colonização portuguesa no Ceará, sobre a história da medicina cearense, sobre a cultura popular, sobre a influência dos judeus em nossa cultura e a formação social do nordeste brasileiro.

Vinicius Barros Leal, pelo que realizou em favor da preservação cultural de nossa terra, está perenizado na história.

Acompanha-nos, também, nesta hora solene de chegada à Casa do Barão de Studart, o romancista e pesquisador Affonso Taboza Pereira, tenente coronel engenheiro reformado do Exército Brasileiro, de longa e bem sucedida carreira militar e como construtor de rodovias federais e pavimentação de aeroportos em várias regiões do país, empresário e líder classista, como Vice-Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil, diretor da Federação das Indústrias e do Centro Industrial do Ceará.

Vitorioso em muitos caminhos da vida, nasceu em Itapajé, terra de tantas denominações, pois antes de ser a tradução tupi-guarani do “Frade de Pedra”, foi Santa Cruz, Vila Constituinte, Riacho do Fogo e São Francisco. Dali também vieram para brilhar na Capital e na história o poeta e orador Quintino Cunha, uma das mais luminosas inteligências do Ceará, Virgílio Brígido, um dos fundadores desta entidade e Alba Valdez, a segunda mulher a tomar assento entre os varões do Instituto.

Taboza foi seminarista na Praínha, onde, depois, também estive e certamente foi ali que aprendeu a olhar a vida com paciência e a utilizar as horas calmas de silêncio para a meditação e a construção cuidadosa do conhecimento. Por aquele velho casarão da Dom Manuel outros nos antecederam e muitos deles hoje são ruas, praças, estátuas e medalhas. Pelo nosso Seminário da Praínha, onde também estive o professor Gisafran Jucá, passaram Paula Ney, Capistrano de Abreu, Cícero Romão Batista, Dom Hélder Câmara e Austregésilo de Atayde.

Affonso Taboza adentra esta casa, além de por outras razões de competência e notabilidade, principalmente pelo romance histórico que produziu, “Um Bacamarte Chamado Canário”, baseado na vida de Vicente Lopes Vital de Negreiros, o Vicente da Caminhadeira, o único homem que sobreviveu depois de enfrentar os terríveis Mourões, desabusados mata-dores de gente, que aterrorizaram a zona norte do Ceará no século 19.

Sucedará no Instituto do Ceará ao professor José Cláudio de Oliveira, filho de Pacajus, bacharel em Direito, História e Geografia. catedrático do Liceu do Ceará, do Instituto de Educação, da Academia de Polícia e da Escola de Enfermagem São Vicente de Paula. Vereador de Fortaleza e conselheiro do Tribunal de Contas do Município e do Estado, candidato a prefeito da capital em 1962, autor de muitos livros de História do Brasil e do Ceará, Pedagogia, Administração e Estudos Sociais, alguns adotados nas escolas públicas e particulares da nossa e de outras unidades da Federação. O professor José Cláudio era um homem cordial, que passou pela vida fazendo amigos e semeando os frutos de sua inteligência.

Senhoras e Senhores:

Honra-me profundamente suceder neste sodalício ao ilustre professor ABELARDO FERNANDO MONTENEGRO, uma das mais

expressivas e bem dotadas figuras da inteligência cearense. Fui, desde menino, informado de sua importância, apresentado por meu tio e tutor Padre Francisco Soares Leitão, que me presenteou com um exemplar de “A Praça do Ferreira”, declarando que o autor daquele livro, que ele conhecia, era uma capacidade, um erudito, um grande sábio contemporâneo.

Norberto Ferreira, armazém da memória crateuense, que o conheceu adolescente, dizia-me que Abelardo fora a pessoa mais inteligente que ele vira em toda a vida.

Imaginem, assim, como me sinto ocupando nesta instituição a cadeira que antes foi de um ícone da minha juventude.

Somos dos mesmos rincões ásperos e duros do Oeste do Ceará, das terras fronteiriças com o Piauí, das águas barrentas e inquietas do rio Poty (onde morreu afogado o meu irmão Gerardo), da saudade do trem vespertino, das rezas milagrosas de Dona Chica Dondon, dos versos bizarros e fesceninos do poeta Cabral, das alegres manhãs dos sertões de Crateús.

Abelardo Montenegro foi um homem pleno. Culto, íntegro, fino, pacífico e morigerado. Um pensador, perspicaz e consciente que estudou e produziu cultura com amor, dedicação e excelência. Ocupou-se por toda a sua proveitosa vida de 98 anos com o magistério e o cultivo de uma literatura histórica e sociológica de grande pendor e extrema responsabilidade científica. Sua obra tem composição rigorosa, fundamentada na pesquisa com critério e amparada em vasta documentação. Estudou, com fervor incandescente, a tragédia nordestina, a seca, a omissão dos administradores, a prepotência do coronelismo, os santos e os cangaceiros, os messiânicos e os peregrinos, os valentes e os medrosos, os vivaldinos e os ingênuos, os doidos, os patusqueiros e demais passageiros da agonia, num grande leque sociológico da análise dos índoles, das intenções e dos comportamentos.

Por isso, é com humildade e reverência que me sento no lugar onde antes se sentou um mestre, esse homem impoluto que o Ceará há de sempre louvar e naturalmente consultar quando quiser aprender sobre sua própria história.

Ilustres membros do Instituto do Ceará:

Esta noite e este momento foram por mim longamente construídos.

Sou um operário do magistério e da historiografia. Estou há 45 anos na sala de aula, publiquei 35 livros, e, certamente, influenciei e fui influenciado por várias gerações de estudantes e leitores do Ceará.

Há uns trinta anos manifestei ao professor Mozart Soriano Aderaldo o meu desejo de pertencer ao Instituto do Ceará. Ele me recomendou que envelhecesse mais, que escrevesse mais e construísse melhor meu nome e meu conceito na sociedade. Entendi que não era o meu tempo. E que o Instituto do Ceará era bem maior do que a minha inocente pretensão de jovem professor.

Agora estamos aqui, nesta cerimônia de investimento, eu e meus companheiros de jornada, prontos para começar uma nova viagem.

Agradecemos as palavras generosas e certamente exageradas do acadêmico e educador Ednilo Soárez, distinto cavalheiro, pesquisador percuciente e primoroso orador. Estamos honrados de que tenha aceitado nos paranimfar nesta hora de tanta importância para nós.

Agradecemos ao presidente José Augusto Bezerra e a sua diretoria por todos os esforços que empreendeu na organização desta eleição e concretização de nossa posse em tempo recorde.

Banham-nos as luzes intensas da felicidade e a consciência dos compromissos com o caráter, a missão e a história desta instituição secular.

Agradecemos a todos os que concorreram para tornar possível a nossa ascensão à casa do Barão de Studart e confessamos nosso regozijo por, a partir de agora, fazer parte deste ilustrado elenco de homens e mulheres que cultivam e engrandecem a história, a geografia e a antropologia do Ceará.

Muito obrigado.

(Discurso pronunciado em 8 de março de 2013).

